



DIALOGISMO E POLIFONIA EM ADÉLIA PRADO (DIALOGISM AND POLIPHONY IN ADÉLIA PRADO)

Mariza Norico Kitazono de CARVALHO (PG – UNESP – Araraquara-SP)

ABSTRACT: *Based on the Discourse Analysis theories, according to the French School and on Greimas' Semiotic Project, in this article, we analyse two aspects of the discursive dialogism: the verbal interaction and the intertextuality on Adelia Prado's thematic universe.*

KEYWORDS: *discourse analysis, dialogism, intertextuality.*

0. Introdução

Concebendo a literatura como “artefato de natureza social”, entende-se a importância da tarefa do estudioso da literatura: desvendar, nos textos, os mecanismos de produção do sentido, tendo em vista que esse sentido é fruto de uma construção dialógica.

Nos textos de Adélia Prado, percebe-se que sua poesia resgata o conceito benjaminiano de experiência, ligada à comunhão e à cumplicidade com o homem e com sua experiência concreta, tecida nas relações com o cotidiano.

Este trabalho pretende demonstrar o dialogismo discursivo em seus dois aspectos: a interação verbal e a intertextualidade, no universo temático adeliانو; pesquisando as vozes de outros autores, com as quais dialogam seus narradores e personagens e as condições de produção dos discursos, determinados pelas posições ideológicas e processos sócio-históricos.

1. Perspectiva Teórica

Segundo Bakhtin(1986), o texto é produto da criação ideológica, não existe fora da sociedade. Dialógico por natureza, o texto é um tecido de muitas vozes que se entrecruzam no seu interior (dialogismo interno Ao discurso) ou com as vozes de outros discursos de outros textos (dialogismo externo). Considerando a linguagem constitutivamente dialógica, os discursos são determinados pelas coerções sociais, pelo contexto extraverbal. É na interação que os discursos são construídos e se refletem nos textos como objetos lingüísticos, discursivos, sociais e históricos.

Partindo dessas reflexões de Bakhtin, pretendemos analisar como ocorre nos textos de Adélia Prado, a produção do sentido.

Para isso, embasamo-nos teoricamente em Authier – Revuz(1982) e Pêcheux(1990), no quadro teórico da análise do discurso de linha francesa e no projeto semiótico greimasiano.

2. Dialogismo e Polifonia



Conforme Bakhtin(1981), “o poeta, (...), seleciona palavras não do dicionário, mas do contexto da vida onde as palavras foram embebidas e se impregnaram de julgamento de valor”.

Acrescentamos à citação acima, o seguinte fragmento “A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão - no campo, no mar e na cidade - , é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação . (...) Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso...” (Benjamin: 1993).

Dessa maneira, ao mesmo tempo que o homem, ao longo de sua vida, no contato multifacetado com o “outro”, constrói seus textos, articulando as diferentes formações discursivas, muitas vezes, de maneira inconsciente, ele constrói a sua singularidade. Assim, os textos são dialógicos, pois a linguagem é constitutivamente dialógica.

De acordo com Barros(1994) distinguem-se os textos polifônicos dos monofônicos pelo fato de os primeiros deixarem transparecer o dialogismo e os segundos, abafarem-no.

Partindo do princípio de que os textos poéticos são polifônicos por natureza, examinaremos as marcas explícitas de heterogeneidade mostrada que colocam em confronto a identidade / alteridade do sujeito.

Essas marcas da heterogeneidade mostrada articulam-se com uma heterogeneidade constitutiva da linguagem. Assim, num mesmo texto, encontram-se várias formações discursivas, assumindo o sujeito, vários papéis, segundo as várias posições que ocupa, (conforme Pêcheux: 1975)

Examinaremos, a seguir, o poema “Agora, ó José”, de Adélia Prado, em que se harmonizam as diferentes vozes ou se “apagam” as vozes discordantes, numa marcada polifonia: (ver Anexos 1 e 2)

3. Análise de textos

No poema de Adélia Prado, percebemos a intertextualidade e a interdiscursividade. De acordo com Fiorin(1994), no primeiro caso, temos os “processos de incorporação de um texto – unidade de manifestação, com expressão e conteúdo – em outro; no segundo, incorporam-se temas e/ou figuras de um discurso em outro.”

No nível das estruturas discursivas, nos procedimentos de argumentação e na escolha dos temas e figuras, sustentados pelas formações ideológicas do sujeito-enunciador é que percebemos a intertextualidade e interdiscursividade. A partir do título “Agora, ó José” há um diálogo constante com “José” .

Como é sabido, o poema de Drummond foi escrito no período em que ocorria a Segunda Guerra Mundial e revela o desencanto e a falta de perspectiva para o destino do homem comum.

As figuras: José (nome próprio bem popular no Brasil) as isotopias figurativas “A noite esfriou”, “E agora, José” os verbos no pretérito perfeito “acabou”, “sumiu”, “esfriou”, “fugiu”, “mofou”, revelando os fatos concluídos, acabados, reiterando o tema do desencanto e da solidão do homem.

Nos versos em que os verbos estão no presente do indicativo, o tema “a falta de perspectiva” concretiza-se pelas palavras negativas “sem” e “não”, reforçadas pelas



figuras “cuspiu já não pode”, “o dia não veio”, “o bonde não veio”, “não veio a utopia”...

O poema “Agora, ó José”, conforme dissemos acima, estabelece um diálogo intertextual, respondendo ao texto-matriz, retomando seu processo de construção com a clara intenção de dialogar. “Agora, ó José” é uma paráfrase em que observamos a intertextualidade e a interdiscursividade.

O tema do desencanto e da falta de perspectiva é recoberto pelas figuras “encostar na parede”, “mãos para trás”, “paciência dura”, “modo de olhar tão pálido”.

A isotopia figurativa da “vida dura” delinea-se desde “encostar na parede”, “paletó abotoado”, “paciência dura”, “...uma pedra”, “tu és pedra...”, “a pedra”, “resiste”, “aldraba de ferro pesadíssima”.

Percebemos, porém, que apesar de os percursos figurativos e temáticos serem retomados pelo segundo poema, há, nesse, uma resposta “eufórica”, influenciada pela “voz” do discurso religioso “O que te salva da vida, / é a vida mesma, ó José, / e o que sobre ela está escrito / a rogo de tua fé”.

Esses verbos retomam “não veio a utopia”, negando-o e negando a teogonia, reafirmando a fé pela teologia: “a rogo de tua fé”, “Tu és pedra e sobre esta pedra”, “gira a aldraba de ferro pesadíssima”, “o reino do céu é semelhante a um homem como você, José”. O sujeito José é investido de poderes, é uma figura mítica em que se observam qualidades / traços humanos “dorme com tua mulher”, “...a um homem como você...” e traços divinos “Tu és pedra e sobre esta pedra” – no discurso religioso, foram as palavras de Jesus a São Pedro – portanto: José = São Pedro, que tem o poder de abrir a porta do céu: “guia a aldraba de ferro pesadíssima” – “O reino do céu é semelhante a um homem / como você, José”.

Observamos, ainda, que nesse poema de Adélia Prado, a interdiscursividade deixa-se mostrar nos discursos citados entre aspas “no meio do caminho tinha uma pedra” de outro poema de Drummond e, “Tu és pedra e sobre esta pedra” da Bíblia. São esses discursos, exemplos de heterogeneidade mostrada, segundo Authier - Revuz.

4. Conclusão

Na análise do texto acima, observamos uma marcante dimensão dialógica na medida em que ele retoma o texto de Drummond, parafraseando-o. É importante ressaltar que este trabalho apresenta parte de uma pesquisa sobre o Dialogismo e Polifonia em Adélia Prado.

RESUMO: Com base nas teorias da Análise do Discurso de Linha Francesa e no Projeto Semiótico greimasiano, no presente artigo, analisamos o dialogismo discursivo em seus dois aspectos: a interação verbal e a intertextualidade no universo temático de Adélia Prado.

PALAVRAS CHAVE: Análise do discurso; dialogismo; intertextualidade.



ANEXO 1
José

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,

E agora, José?
e agora, José?
sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,

sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio – e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...

Mas você não morre,
você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?

ANDRADE, Carlos Drummond de.
Obra completa, Rio de Janeiro:
Aguilar, 1967, p. 130.



ANEXO 2 Agora, ó José

É teu destino, ó José,
a esta hora da tarde,
se encostar na parede,
as mãos para trás
Teu paletó abotoado
de outro frio te guarda,
enfeita com três botões
tua paciência dura
A mulher que tens, tão histérica,
tão histérica, desanima.
Mas, ó José, o que fazes?
Passeias no quarteirão
o teu passeio maneiro
e olhas assim e pensas,
o modo de olhar tão pálido.
Por improvável não conta

o que tu sentes, José?
O que te salva da vida
é a vida mesma, ó José,
e o que sobre ela está escrito
a rogo de tua fé:
“No meio do caminho tinha uma
pedra”
“Tu és pedra e sobre esta pedra”
A pedra, ó José, a pedra.
Resiste, ó José. Deita, José,
dorme com tua mulher,
gira a aldraba de ferro pesadíssima.
O reino do céu e semelhante a um
homem como você, José.

PRADO, Adélia. Poesia reunida, São
Paulo: Siciliano, 1991, p. 34.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, C. D. de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 130, 1967.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours*. Em DRLAV- Revue de linguistique, 26, p. 91-151, 1982.
- BAKHTIN, M. Le discours dans la vie et dans la poésie. In: TODOROV, T. Mikhail Bakhtine. *Le principe dialogique*. Paris: Seuil, p. 181-216, 1981.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3 ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, São Paulo: Hucitec, 1986.
- BARROS, D. L. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. L.; FIORIN, J.L. (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade. Em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994.
- _____. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. Em FARACCO, C.A. et al. *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.
- FIORIN, J.L. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, D. L.; FIORIN, J.L. (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade. Em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
- PRADO, A. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, p. 34, 1991.